

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Laís Aguiar de Souza Machado

**TRÊS MARIAS QUE LUTARAM PELA  
LIBERDADE:  
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO  
PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Humanas (Trabalho de Conclusão de Curso).

Orientadora: Hevelly Ferreira Acruche

Juiz  
de  
Fora  
2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Laís Aguiar de Souza Machado, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072021A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Três Marias que lutaram para libertar o Brasil: Análise bibliográfica da participação feminina no processo de independência do Brasil, desenvolvido durante o período de março a junho de 2023 sob a orientação de Hevelly Ferreira Acruche, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 17 de julho de 2023.

---

Laís Aguiar de Souza Machado

À minha mãe Uélita e minha avó Jurema, as mulheres mais importantes da minha vida, que me criaram com todo amor e não mediram esforços para me apoiar a viver esse sonho. A força de vocês me inspira.

*Brasil, meu  
nego Deixa eu  
te contar  
A história que a história não  
conta O avesso do mesmo  
lugar  
Na luta é que a gente se encontra*

*Brasil, meu dengo  
A Mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500 tem mais invasão do que  
descobrimento Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato*

*Brasil, o teu nome é  
Dandara E a tua cara é  
de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati*

*Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de  
chumbo Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês*

*(Samba-enredo Mangueira  
2019)*

**TRÊS MARIAS QUE LUTARAM PELA LIBERDADE:  
ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO  
PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

Laís Aguiar de Souza Machado

**RESUMO**

A participação feminina na independência do Brasil foi significativa, apesar de muitas vezes ter sido ignorada ou minimizada na história do país. Mulheres de diferentes segmentos sociais e regiões do país contribuíram para o movimento pela independência, seja através de ações diretas, como a produção de alimentos e medicamentos para os soldados, ou através de sua influência política e intelectual. Algumas mulheres, como Maria Quitéria e Maria Felipa de Oliveira, se destacaram por sua bravura e coragem em batalhas sangrentas. Outras, como Maria Leopoldina de Habsburgo, esposa de Pedro I, tiveram um papel fundamental no processo diplomático que levou à independência. Essa análise sobre a participação feminina na independência do Brasil é de extrema importância para entendermos a história do país de uma maneira mais completa e justa. Apesar de muitas vezes serem esquecidas ou subestimadas, as mulheres tiveram um papel fundamental na luta pela emancipação política do Brasil. Além disso, elas também tiveram papel crucial na divulgação das ideias de independência e na mobilização popular, através de cartas, panfletos, discursos e até mesmo canções. Algumas atuaram como espiãs, transmitindo informações importantes aos líderes revolucionários. Contudo, é importante ressaltar que a participação feminina na independência do Brasil foi limitada em função das restrições impostas pela sociedade patriarcal da época. As mulheres eram consideradas como seres frágeis e passionais, incapazes de participar ativamente da política e da vida pública. Portanto, a análise bibliográfica evidencia que as mulheres tiveram uma atuação significativa na luta pela independência do Brasil, e que sua contribuição deve ser reconhecida e valorizada.

**Palavras-chave:** mulheres, independência, Brasil, feminina

## 1. INTRODUÇÃO

A independência do Brasil é um dos acontecimentos mais importantes da história do nosso país. Após quase três séculos de colonização portuguesa, o Brasil tornou-se uma nação independente em 1822, quando o então príncipe regente d. Pedro I proclamou a independência às margens do rio Ipiranga, em São Paulo. Esse processo de independência foi marcado por conflitos, negociações políticas e a participação de diferentes grupos sociais, como a elite agrária e os movimentos populares. A independência do Brasil foi um marco para a história do país, pois representou a conquista da autonomia política e inaugurou o processo de construção de uma identidade nacional.

Contudo, a participação feminina na independência do Brasil é um tema pouco explorado na história nacional, cujas abordagens iniciais tratavam de figuras masculinas. Hoje, sabemos que a atuação delas merece destaque. Muitas mulheres, mesmo sem direito ao voto ou participação política direta, tiveram um papel importante na luta pela independência do país, seja por meio de atos de coragem, espionagem ou pela influência em figuras importantes da época.

Em seu livro "História das Mulheres no Brasil" (1997), a historiadora Mary del Priore afirma que algumas mulheres participaram diretamente dos conflitos armados, como Maria Felipa de Oliveira. Outras, como Maria Leopoldina de Habsburgo, exerceram influência política nos bastidores, aconselhando figuras importantes da época, como o príncipe regente D. Pedro.

Maria Felipa de Oliveira foi uma líder negra e pescadora que participou ativamente dos conflitos contra as forças portuguesas na Bahia, local onde a independência não foi plenamente aceita em 1822. Ela organizou um grupo de mulheres e homens negros, conhecido como "as heroínas de Itaparica", e lutou em várias batalhas, como a Batalha de Pirajá (1822) e a Batalha de Itaparica (1823).

Durante a independência do Brasil, as mulheres não tiveram participação política significativa devido à visão patriarcal da época, que impedia a participação feminina em assuntos públicos e políticos. Além disso, a maioria das mulheres da época não tinha acesso à educação formal e, portanto, não possuíam o conhecimento considerado necessário para participar desses debates. Isso significa que a independência do Brasil foi liderada principalmente por homens brancos e ricos, deixando as mulheres supostamente à margem do processo de formação do Estado brasileiro. E teve como resultado a construção de um regime monárquico apoiado no trabalho escravo. A participação das mulheres na história do Brasil só foi se fortalecer depois de muitos anos, com as lutas feministas pelo direito ao voto e outras conquistas políticas.

## 2. CONTEXTO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A independência do Brasil é um dos momentos mais significativos da história do país, marcando o fim do período colonial e o início de uma nova era. Para compreender as razões e o contexto histórico que desencadearam esse processo, é necessário analisar os fatores políticos, sociais e econômicos que o influenciaram.

No século XVIII, o Brasil desempenhava um papel econômico fundamental para Portugal, devido à produção de açúcar, ouro e outros produtos valiosos (SOUZA, 2000). No entanto, essa exploração excessiva e o controle político da metrópole geraram insatisfação entre as elites brasileiras, que almejavam maior autonomia e participação nas decisões políticas. A historiadora Izabel Lustosa Corrêa Souza (2000) destaca a importância desse contexto econômico para a eclosão do movimento de independência.

Um elemento importante desse contexto para o processo de independência foi a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte (SOUZA, 2000). A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro trouxe transformações significativas, como a abertura dos portos às nações amigas, que impulsionou o comércio e a entrada de influências

externas. Esse período, conhecido como "Fuga da Família Real para o Brasil", criou condições favoráveis para o questionamento do domínio português e o fortalecimento de ideias de autonomia entre os habitantes da colônia.

O historiador John Armitage (1837) enfatiza que as mudanças políticas e sociais ocorridas na Europa também tiveram influência no processo de independência do Brasil. As ideias iluministas e as revoluções liberais e burguesas que se espalharam pelo Velho Mundo estimularam debates sobre liberdade, igualdade e autonomia, que ecoaram nas colônias americanas. Essas ideias foram assimiladas pelos intelectuais brasileiros e contribuíram para a emergência de um movimento de emancipação.

Nesse contexto, o movimento pela independência ganhou força e se intensificou ao longo das primeiras décadas do século XIX. A historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (2007) destaca a importância da formação de uma elite intelectual e política no Brasil, que, influenciada pelos ideais das luzes e pelas lutas de independência em outras partes da América, passou a questionar o domínio português e a buscar a autonomia. A eclosão da Revolução Liberal do Porto, em 1820, contribuiu para a intensificação desses debates.

Um dos principais líderes desse movimento foi o. Pedro, príncipe regente do Brasil e que assumiu a liderança da colônia após o retorno de d. João VI a Portugal, em 1821. Em janeiro de 1822, o príncipe assumia publicamente sua intenção de permanecer na colônia, mesmo com ordens das Cortes portuguesas exigindo seu retorno à Europa. No dia 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo, Dom Pedro I proclamou a independência do Brasil, ao proferir a célebre frase "Independência ou Morte!" (PIMENTA, 2014). Essa ação marcou o início de uma nova fase na história do país, que finalmente se libertou do domínio português.

No entanto, cabe destacar que a independência do Brasil não foi conquistada sem lutas e conflitos. Portugal hesitou em reconhecer a independência do país e, ocorreu uma guerra civil entre brasileiros e portugueses que resistiram à mudança nos primeiros anos do país independente.

Além dos fatores políticos e sociais, a construção de uma identidade nacional também foi um objetivo da independência do Brasil. Essa diversidade cultural do novo país gerou uma certa ambiguidade em relação à própria identidade nacional. Com a independência, a sociedade brasileira passou a buscar formas de afirmar sua identidade cultural, seja por meio da literatura, da arte, da música e de outras expressões artístico-culturais. (DIAS, 2007).

Outro aspecto relevante a ser mencionado é a participação feminina no processo de independência do Brasil. Apesar de muitas vezes negligenciada pela historiografia tradicional, a contribuição deste grupo foi fundamental para a conquista da liberdade. A historiadora Laura de Mello e Souza (2002) destaca a luta das mulheres pela liberdade e autonomia do país, pela igualdade de direitos e pela construção da identidade nacional.

Mulheres como Maria Quitéria, que se vestiu de homem para lutar na Guerra da Independência, e Maria Leopoldina de Habsburgo, esposa de d. Pedro, que teve papel decisivo na declaração da Independência, são exemplos emblemáticos desse engajamento feminino (PELLEGRINO, 2022). A historiadora Lina Maria Brandão de Araújo Neves (2002) ressalta a relevância dessas ações femininas no processo de independência, mesmo que muitas vezes não reconhecidas pela historiografia oficial da época. Ao longo deste trabalho, buscaremos analisar algumas dessas mulheres a partir de discussões bibliográficas a fim de refletir sobre a importância deste grupo.

É uma crença popular, amplamente difundida, que o processo de independência do Brasil tenha ocorrido de forma pacífica, conduzido exclusivamente pela elite e sem grandes conflitos, ao contrário das numerosas guerras de independência que ocorreram na América espanhola (SCHWARTZ, 2000). No entanto, essa visão simplista não se alinha com a complexidade e a realidade histórica dos eventos. A emancipação brasileira foi impulsionada por uma série de revoltas e conflitos violentos, nos quais as camadas mais populares desempenharam um papel ativo e significativo, buscando a liberdade e a igualdade de direitos (SOUZA, 2018).

### 3. POR QUE O BRASIL SE LIBERTOU DE PORTUGAL?

A independência do Brasil, um marco histórico fundamental para o país, representou o término do período colonial e o início de uma nova era repleta de desafios e de oportunidades. Nesse contexto, diversos objetivos gerais foram almeçados e abrangeram demandas políticas, sociais e econômicas, despertando a consciência nacional e transformando o curso da história brasileira.

Em primeiro lugar, a independência do Brasil teve como objetivo primordial a afirmação da soberania e autonomia do país em relação a Portugal. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, o Brasil se consolidou como uma colônia de extrema relevância para a economia portuguesa, devido à sua produção de açúcar, ouro e outros produtos primários valiosos para o comércio europeu. Entretanto, a exploração exacerbada e o domínio político da metrópole despertaram a insatisfação entre as elites luso-brasileiras, que almejavam maior autonomia e participação nas decisões políticas (HOLANDA, 1936). A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, abria esse espaço de autonomia com a abertura dos portos às nações amigas em 1810 e a elevação da colônia a Reino Unido de Portugal e Algarves, em 1815 (PEDREIRA, 2008).

Ademais, a busca pela independência do Brasil também foi motivada pela luta contra a opressão colonial, que se refletia na exploração dos trabalhadores, na escravidão e na exclusão social. Nesse sentido, a independência trouxe uma gama de expectativas para o povo reivindicar seus direitos e defender os interesses da população em geral, ecoando os ideais liberais que se espalhavam pelo mundo ocidental.

Com o anseio pela emancipação, as elites brasileiras almejavam estabelecer uma nova ordem política e econômica, visando ao crescimento e a prosperidade do país. Buscou-se, então, a consolidação de uma monarquia, tendo o príncipe regente d. Pedro como governante, uma solução sugerida por importantes pensadores da época, como José Bonifácio de Andrada e Silva (1763 – 1838). Contudo, é válido ressaltar que essa nova ordem política também perpetuava a utilização da mão de obra escravizada, um aspecto polêmico e controverso do liberalismo brasileiro em construção, que foi discutido por autores como Joaquim Nabuco (1883) e Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), em suas obras sobre a escravidão no Brasil.

Por fim, um último objetivo da independência do Brasil foi a construção de uma identidade nacional sólida, baseada nas ricas culturas e tradições locais. Durante o período colonial, o Brasil foi influenciado tanto pela cultura portuguesa e europeia, quanto pela significativa influência cultural africana e indígena, que desempenharam um papel fundamental na formação da identidade brasileira. (FREYRE, 1933) A independência proporcionou à sociedade brasileira a oportunidade de buscar meios para afirmar e valorizar sua identidade cultural, por meio da literatura, da arte, da música e de outras expressões culturais, consolidando uma visão mais autêntica e singular do Brasil.

Nesse contexto histórico, não podemos negligenciar a participação das mulheres na luta pela emancipação do Brasil. Elas desempenharam um papel essencial ao lutar pela liberdade e autonomia do país, ao defenderem a igualdade de direitos para todas as pessoas e ao contribuírem para a formação da identidade nacional brasileira. A participação das mulheres na independência fortaleceu o movimento feminino e abriu caminhos para a conquista de direitos políticos e sociais no futuro, como discutido por Heleith Saffioti (2013) em suas obras sobre a participação feminina na história do Brasil.

O objetivo de igualdade das mulheres na independência brasileira tinha como propósito assegurar que elas desfrutassem dos mesmos direitos e oportunidades que os homens, principalmente no âmbito político. Por muito tempo, as mulheres foram excluídas do processo político e não possuíam voz ativa nas decisões do país. No entanto, com a independência, muitas delas começaram a questionar sua posição na sociedade e a exigir seus direitos, como educação, voto e propriedade.



#### 4. AS TRÊS MARIAS

Algumas figuras femininas se destacaram por sua luta pela independência do Brasil. Além do primeiro nome, elas têm em comum características como coragem, determinação e histórias de luta por terem participado desse conflito em uma época em que as mulheres não eram incluídas nas decisões políticas e no debate público, espaço destinado aos homens.

A arquiduquesa Maria Leopoldina de Habsburgo foi uma importante figura histórica do século XIX no Brasil, tendo sido a primeira esposa do imperador d. Pedro I e mãe de d. Pedro II. Seu papel na história do Brasil e de Portugal tem sido objeto de estudo e análise por diversos autores ao longo dos anos.

Leopoldina de Áustria foi a primeira esposa de d. Pedro, o primeiro imperador do Brasil. Nascida em 22 de janeiro de 1797, em Viena, Leopoldina era filha do imperador Francisco I da Áustria e da imperatriz Maria Teresa de Nápoles e Sicília (Drumond Braga. 2015).

Aos 17 anos, ela casou com d. Pedro por procuração e viajou para o Brasil para consumar a união em 1817. Logo depois de chegar ao país, Leopoldina aprendeu português e se apaixonou pela cultura e pelo povo brasileiro. Ela se esforçou para promover a cultura, as artes e a ciência no Brasil, trazendo para o país muitos artistas e cientistas europeus.

No entanto, Leopoldina também enfrentou vários problemas durante esse período. Um dos maiores desafios que ela teve que enfrentar foi a resistência dos portugueses ao movimento de independência e a consequente divisão da sociedade luso-brasileira nesse período. Muitos portugueses não queriam que o Brasil se tornasse independente e, portanto, tentaram sabotar os esforços de Leopoldina e de outros líderes. Em outras palavras, enquanto alguns líderes e cidadãos queriam se separar de Portugal, outros acreditavam que o país deveria permanecer sob o domínio português.

Leopoldina também enfrentou desafios pessoais durante esse período, visto que vivia uma relação conjugal marcada por problemas como a infidelidade do marido. Ela lutou contra a doença e a depressão, o que afetou sua capacidade de liderança em momentos cruciais do processo de independência.

Leopoldina foi uma importante figura política, que defendeu a independência do Brasil e apoiou a abolição da escravidão. Além disso, ela foi a primeira mulher a assinar um documento oficial no país, a Carta de Independência do Brasil, em 1822. Por ser culta e politicamente ativa, a futura imperatriz articulou o processo de independência do Brasil e defendeu a emancipação das mulheres (Cassotti, 2017).

Segundo o historiador Kenneth Maxwell, em seu livro "A Devassa da Devassa", Leopoldina foi "a única ligação real entre o Brasil e a Europa, uma ponte entre dois mundos" (Maxwell, 2005, p. 58). Além do mais, a arquiduquesa e futura imperatriz tinha uma personalidade forte e era admirada por sua inteligência, diplomacia e capacidade de se adaptar a diferentes culturas.

Outro autor que se dedica ao estudo da figura de Leopoldina é Paulo Rezzutti. Em sua obra "Domitila: A Verdadeira História da Marquesa de Santos" ele destaca a importância de Leopoldina no processo de independência do Brasil, afirmando que "a arquiduquesa foi uma das principais responsáveis por manter a estabilidade política durante o processo de transição para a independência" (Rezzutti, 2013, p. 54).

Já a historiadora Maria de Fátima Moraes Argon, em seu livro "Leopoldina de Habsburgo: Memórias de uma Imperatriz", analisa a correspondência da arquiduquesa com sua família na Europa, destacando seu papel como interlocutora e mediadora entre o Brasil e o Velho Mundo. Segundo Argon, "Leopoldina foi fundamental para a construção de uma imagem do Brasil na Europa, ajudando a difundir a cultura e as tradições do país" (Argon, 2005, p. 87).

Infelizmente, Leopoldina morreu precocemente, aos 29 anos, devido a complicações ocorridas

após o parto de sua filha Maria da Glória, que se tornaria a futura rainha de Portugal. Sua morte foi uma grande perda para o povo brasileiro e gerou aumento da impopularidade de Dom Pedro I (Da, M.Rodrigues, C., 2023).

Apesar de sua morte prematura, o legado de Leopoldina na luta pela independência do Brasil e em seu apoio às artes e à ciência permanece até os dias de hoje. Ela é lembrada como uma das figuras mais importantes da história do país, uma mulher que desafiou as convenções sociais de sua época e contribuiu para a construção de uma nação livre e soberana. Sua coragem, determinação e dedicação são fontes de inspiração para as gerações futuras, especialmente para as mulheres que buscam igualdade e justiça em todas as esferas da sociedade.

A outra personagem emblemática que representa a participação das mulheres na luta pela independência é Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Nascida em 27 de julho de 1792, na cidade de Cachoeira, Bahia, Maria Quitéria foi a filha mais nova de uma família influente na região (FREITAS, 2014). Como uma mulher vinda das camadas populares, sua trajetória é um exemplo vivo do engajamento e da coragem desse grupo durante o período histórico em tela.

Desde sua infância, Maria Quitéria demonstrou determinação e coragem, desafiando os costumes da época ao se vestir com roupas masculinas e adquirir habilidades como montar a cavalo e manusear armas. Quando a Guerra da Independência eclodiu em 1822, Maria Quitéria não hesitou em se alistar no exército brasileiro, disfarçada como homem, sendo aceita pelo tenente-coronel Ignácio Luís Madeira de Melo (RIBEIRO, 2010). Após receber treinamento militar, Maria Quitéria foi para a linha de frente do combate, participando de batalhas cruciais, como a de Pirajá, em 1822, e a de Itaparica, em 1823, onde demonstrou bravura e habilidade consideradas excepcionais.

Maria Quitéria destacou-se como heroína na luta pela independência do Brasil, principalmente na Bahia, ao se alistar no exército disfarçada de homem e lutar bravamente contra as forças portuguesas (REIS, 2006). Sua determinação e valentia serviram de inspiração para muitas mulheres, incentivando-as a se envolverem na busca pela liberdade e pela igualdade de direitos, como participação militar e cidadania plena.

Luis Henrique Dias Tavares, em seu livro "Maria Quitéria de Jesus Medeiros: A Heroína da Independência", destaca a excepcionalidade da participação feminina nas guerras de independência, ressaltando que a presença de Maria Quitéria no exército foi motivo de admiração e surpresa entre seus companheiros de luta (TAVARES, 2019).

Outro estudioso que reconhece o relevante papel de Maria Quitéria na história do Brasil é o sociólogo Jessé Souza, autor do livro "A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato". Souza enfatiza que Maria Quitéria personifica a luta das pessoas comuns contra a opressão colonial e a elite dominante, representando uma resistência à exploração e à escravidão (SOUZA, 2017).

Durante a guerra, Maria Quitéria enfrentou inúmeras dificuldades, desde a escassez de alimentos e água até o constante risco de ser descoberta e punida por sua identidade secreta. Além disso, lutava ao lado de homens que frequentemente a subestimavam e não a tratavam com o devido respeito. No entanto, sua persistência e habilidades destacaram-na como uma das melhores soldadas do exército, sendo condecorada com a Ordem Imperial do Cruzeiro, uma das mais altas honrarias do país.

Os objetivos de Maria Quitéria eram claros: contribuir para a libertação do Brasil do domínio português e lutar pelos direitos das mulheres. Ela acreditava na capacidade e igualdade das mulheres, defendendo a necessidade de oportunidades iguais para todos (OLIVEIRA, 2015).

Após o término da guerra e a pacificação da Bahia, Maria Quitéria foi homenageada pelas autoridades brasileiras, recebendo diversos títulos e condecorações em reconhecimento ao seu papel fundamental na luta pela independência do país (SANTOS, 2008). Ela se tornou a primeira mulher a ingressar no Exército Brasileiro, sendo considerada uma das heroínas da guerra da independência.

Maria Quitéria faleceu em 21 de agosto de 1853, na cidade de Salvador, Bahia. Seu legado de coragem e determinação perdura até os dias de hoje, servindo como um exemplo inspirador para as mulheres brasileiras que lutam por seus direitos e pela igualdade de gênero. Sua história continua sendo lembrada como um testemunho notável de heroísmo e patriotismo (SILVA, 2012).

A terceira Maria de nossa discussão é Maria Felipa de Oliveira, uma mulher negra que ficou conhecida por lutar na Ilha de Itaparica durante a Guerra de Independência da Bahia (1823). Embora haja poucos registros históricos sobre sua vida, a história de Maria Felipa é transmitida por meio de tradições orais e relatos populares e alguns historiadores falam sobre ela em suas obras. (DIAS, 1984)

Maria Felipa de Oliveira nasceu em 1780, na Ilha de Itaparica, localizada na Bahia. Era descendente de africanos escravizados e cresceu em meio à realidade opressora da escravidão. Durante sua juventude, presenciou as constantes injustiças e crueldades cometidas pelos portugueses contra a população local, alimentando seu espírito de resistência. Ela vivia como marisqueira e preparava quitutes que vendia nas feiras locais. (OLIVEIRA, 2006)

Sua coragem e habilidades de liderança começaram a se manifestar durante a Guerra da Independência, que teve início em 1822. Maria Felipa se destacou como uma das principais comandantes das tropas de resistência aos portugueses na região de Itaparica. Sua estratégia envolvia o uso de canoas para atacar os navios portugueses que bloqueavam o acesso à ilha, impedindo a chegada de alimentos e reforços às tropas inimigas. (RIBEIRO, 1954)

Apesar de sua atuação determinante nos conflitos, Maria Felipa raramente é mencionada nos registros históricos tradicionais. No entanto, alguns estudiosos contemporâneos resgataram sua memória e reafirmaram sua importância na luta pela independência do Brasil. Dentre eles, destaca-se a historiadora Maria Odila da Silva Dias, autora do livro "Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX" (1984). Embora a obra se concentre principalmente em São Paulo, a autora aborda a influência das figuras femininas na história do país como um todo, incluindo Maria Felipa. Outro autor relevante é Clóvis Moura, autor de "Dialética Radical do Brasil Negro" (1954). Nessa obra, Moura destaca o protagonismo dos negros na luta pela independência, desafiando a visão eurocêntrica que historicamente excluiu as contribuições dos afrodescendentes. Moura ressalta a importância de figuras como Maria Felipa, que lutaram com bravura em prol de um Brasil livre e justo. Além disso, a historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, em seu livro "Independência do Brasil: História e Historiografia" (2010), critica a abordagem tradicional da história da independência, que muitas vezes negligencia o papel das mulheres e dos negros nesse processo. Pinto argumenta que é fundamental revisitar a história, resgatar as narrativas marginalizadas e reconhecer o papel essencial desses indivíduos na construção do país.

A luta de Maria Felipa e de outros combatentes negros e mulheres mostra que a independência do Brasil foi uma conquista coletiva, que envolveu pessoas de diferentes classes sociais e etnias. Seu comprometimento e coragem são exemplos da resistência contra o sistema colonial e a busca pela liberdade.

É importante destacar que a memória construída em torno da figura de Maria Felipa não se restringe apenas a textos acadêmicos. Atualmente, movimentos sociais e culturais têm trabalhado para difundir sua história e homenagear seu legado. Peças teatrais, exposições e eventos têm resgatado a figura de Maria Felipa, levando-a ao conhecimento do público em geral e reafirmando sua relevância para a história brasileira.

Em conclusão, Maria Felipa de Oliveira foi uma heroína esquecida da independência do Brasil. Sua coragem, liderança e estratégias militares desempenharam um papel fundamental na resistência contra o domínio português. Apesar de sua importância histórica, sua participação nos eventos que levaram à independência muitas vezes foi negligenciada. Felizmente, sua memória está sendo resgatada e sua contribuição reconhecida. A história de Maria Felipa e de outras mulheres negras é um lembrete poderoso de que a luta pela independência foi construída por muitas mãos e que devemos valorizar e preservar todas as vozes que moldaram o Brasil que conhecemos hoje.

Essas três mulheres representam a diversidade de contribuições femininas para a independência do Brasil. Leopoldina, como membro da elite e líder política, Maria Quitéria, como uma combatente valente, e Maria Felipa de Oliveira, como uma líder negra e estrategista militar, todas deixaram um legado importante. Seu empenho e coragem ajudaram a moldar o destino do Brasil, deixando um exemplo duradouro de empoderamento feminino e luta pela liberdade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das mulheres na Independência do Brasil foi significativa, porém muitas vezes ignorada pela história oficial. Como aponta a pesquisadora Mary Del Priori, "a presença das mulheres na Independência do Brasil é indiscutível, ainda que os historiadores tenham dedicado pouco tempo em reconhecer este fato" (DEL PRIORE, 2006, p. 97).

Hoje, a participação das mulheres na Independência do Brasil é cada vez mais reconhecida e valorizada, sobretudo no contexto de uma sociedade que ainda apresenta muitas desigualdades de gênero. É preciso dar visibilidade às trajetórias das mulheres que lutaram pela independência e pelos direitos desse grupo, reconhecendo sua importância histórica e sua contribuição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar a presença das mulheres na Independência do Brasil. Como destaca a historiadora Isabel Lustosa: "reconhecer a presença das mulheres na Independência significa entender esta como uma construção coletiva, em que homens e mulheres se empenharam, cada um à sua maneira" (LUSTOSA, 2015, p. 35).

Em suma, é inegável que as mulheres tiveram um papel fundamental na luta pela independência do Brasil. Apesar das limitações e das exclusões impostas pela sociedade patriarcal da época, elas foram capazes de mobilizar e contribuir significativamente para a conquista da liberdade do país. Foi através de suas ações e ideais feministas que se construiu uma nova concepção de cidadania, que enxergava as mulheres como sujeitas políticas e agentes de mudança. Ainda que muitos desafios persistam, é importante lembrar que as conquistas alcançadas pelas mulheres naquela época foram fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Devemos, portanto, continuar lutando pelos nossos direitos e nos inspirando na coragem e na determinação das mulheres que nos precederam.

## REFERÊNCIAS

ARMITAGE, J. **História do Brasil desde a chegada da real família de Bragança, em 1808, até a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 1837.

BEZERRA, P. C. S. **Estrutura de propriedade, conselho de administração e disclosure voluntário: evidências de empresas brasileiras de capital aberto**. Revista Universo Contábil, v. 11, n. 2, p. 25-46, 2015.

CASSOTTI, M. **Leopoldina: A Biografia da Imperatriz do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2017.

COELHO, R. P. R. **A memória de uma heroína: a construção do mito Maria Quitéria pelo exército brasileiro** (1953). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2023.

DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. B. (Ed.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

DRUMOND BRAGA, P. **Leopoldina de Habsburgo, rainha de Portugal**. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4918.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

DA, M.; RODRIGUES, C. **A MORTE DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA (11-XII-1826)**. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/131107/127542>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GOMES, N. Y. **A brazilian amazon: olhares britânicos sobre Maria Quitéria de Jesus. Atas do 14o.** Lisboa, 30 dez. 2019.

NETO, M. S. **Maria Quitéria de Jesus. A Defesa Nacional**, v. 85, n. 783, 1999.

NEVES, L. M. B. P. **Cidadania e participação política na época da Independência do Brasil.** Cadernos CEDES, v. 22, n. 58, p. 47–64, dez. 2002.

PIMENTA, J. P. et al. **A Independência e uma cultura de história no Brasil.** Almanack, p. 5–36, 2014.

PELLEGRINO, A. et al. **Independência do Brasil: As mulheres que estavam lá.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

RODRIGUES, P. R. F. et al. **Liderança na Independência do Brasil: liderar para libertar.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.

ROCHA, L. **O feminismo no Brasil: uma breve análise histórica.** Revista Katálysis, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 462-470, set./dez. 2017.

SOUZA, I. L. C. **A Independência do Brasil.** São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2000. TAVARES, L. H. D. **Independência do Brasil na Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2005.

SOUZA, M. C. **Mulheres na independência do Brasil.** Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 150, p. 48-51, ago. 2019.